


# HISTÓRIA DA GRAMÁTICA NO BRASIL: SÉCULOS XVI A XIX, DE RICARDO CAVALIERE

**Ronaldo de Oliveira Batista\***

 <https://orcid.org/0000-0002-7216-9142>

**Como citar esta resenha:** BATISTA, R. de O. *História da gramática no Brasil: séculos XVI a XIX*, de Ricardo Cavaliere. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 1-4, set./dez. 2023. DOI 10.5935/1980-6914/eLETRE 16024

**Submissão:** 13 de abril de 2023. **Aceite:** 13 de abril de 2023.

■ Livros de narrativa histórica de amplo escopo temporal fazem parte de uma prática incomum em nossos tempos. Abordagens com extensa periodização parecem ser típicas daquele fôlego intelectual que nossa época de registros e contabilização de produção acadêmica não permite mais.

Pois bem, o filólogo e historiógrafo da linguística (além de professor universitário de linguística, com reconhecida publicação na área e carreira de destaque na Universidade Federal Fluminense) Ricardo Cavaliere contradiz essa deriva temporal com a publicação da sua *História da gramática no Brasil: séculos XVI a XIX*.

O volumoso livro de 653 páginas (nas quais se incluem 61 páginas de importantes referências bibliográficas – futuro guia para leitores – e, ainda, índice onomástico, louvável em obras de natureza histórica) foi editado em austero, mas correto, projeto gráfico pela Vozes. A editora de Petrópolis tem feito importante trabalho de edição na área da linguística, retomando perfil editorial que a caracterizou principalmente na década de 1970.

A gramática é revista historicamente por Cavaliere em 12 capítulos que revisitam a divisão teórica desse instrumento linguístico tão complexo que é a gramática. Como hipótese de trabalho (e toda classificação sempre é uma proposta),

---

\* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [robatista@mackenzie.br](mailto:robatista@mackenzie.br)

três eixos de dimensão cognitiva são estabelecidos: gramática embrionária; gramática racionalista; gramática científica.

Uma “Introdução” (p. 11-15) fundamental e de destacado caráter metodológico. A história de Cavaliere foi elaborada de acordo com princípios teórico-metodológicos da historiografia linguística (também conhecida por historiografia da linguística). Esse campo dos estudos linguísticos se propõe a descrever e analisar a história do conhecimento produzido sobre a linguagem em qualquer época, levando em consideração também as instâncias de circulação e recepção desse conhecimento. Cavaliere, sem dúvida, é um dos principais nomes da área nos estudos linguísticos brasileiros e faz uso de seu conhecimento do campo para apresentar breve, mas densa, consideração teórica extremamente bem-vinda. E dizemos por que motivo: mesmo que a historiografia linguística insista desde a década de 1970 que seu diferencial, ao interpretar a história do conhecimento sobre a linguagem e as línguas, é a fundamentação em um sólido conjunto de procedimentos metodológicos, vemos muitos, muitos trabalhos na área desconsiderarem por completo a explicitação desses procedimentos.

Cavaliere não cai nessa armadilha e de pronto oferece ao leitor seu percurso “técnico” (apoiado nos trabalhos de Konrad Koerner e Pierre Swiggers) ao recuperar uma história de longa duração. O que os leitores terão à sua frente não é uma recolha de ideias impressionísticas sobre a gramática no Brasil. O historiógrafo apresenta, ao contrário, reflexões elaboradas com rigor metodológico, alcance interpretativo e sólido amparo em diferentes fontes bibliográficas. Ainda sobre o método, é importante mencionar a fase heurística do trabalho: a seleção de fontes (variadas e adequadas) e o acesso a elas. Nesse ponto também merecem destaque dois critérios apontados por Cavaliere para a seleção de fontes: a *ratione loci* e a *ratione auctoris*. Os critérios que permitiram a seleção do *corpus* considerado “gramática brasileira” são apresentados na página 13 da “Introdução”:

*[...] conveniente manter a solução adotada há 20 anos [em trabalho anterior também sobre a gramática brasileira], em que os dois critérios convergem, de tal sorte que se considerem brasileiros tanto os textos publicados no Brasil, de autoria brasileira ou estrangeira, quanto os textos publicados no estrangeiro de autoria brasileira.*

Os dois primeiros capítulos (1. “Conjuntura linguística do Brasil Colônia”; 2. “Produção linguística no período embrionário”, p. 17-118) recobrem um vasto (e frequentemente “esquecido”) momento da produção e recepção de conhecimento sobre as línguas nativas brasileiras e línguas africanas trazidas por aqueles que foram submetidos à condição de escravidão. Na história da gramática brasileira, esse período “embrionário” (a despeito de a escolha adjetival sugerir uma espécie de preparação para períodos posteriores) merece destaque não só pela quantidade de informações que oferece (atingindo o ideal de adequação descritiva), como também pelas possibilidades de caminhos posteriores de interpretação sobre a gramaticografia do período (responsável pela gramatização de línguas europeias, indígenas, africanas e asiáticas). Além disso, Cavaliere oferece aos leitores um primeiro contato com essa tradição, que tem em sua composição o que por muitos historiógrafos é reconhecido como linguística missionária. Até o momento, aquele que se interessasse por esse abrangente tema teria de procurar trabalhos mais especializados e de difícil acesso em sua maioria. Noções teóricas caras à linguística missionária são expostas: língua geral, lín-

gua veicular, contato linguístico, línguas exóticas, artes de gramática. O trabalho dos jesuítas (e a oposição feita a eles no período pombalino) é revisto em torno da produção destes na escrita de vocabulários e gramáticas.

O capítulo 3 – “Conjuntura educacional dos Oitocentos” (p. 119-159) – é basicamente uma abordagem sobre a dimensão social do conhecimento linguístico produzido no Brasil no século XIX. São temas destacados por Cavaliere: os anos joaninos e o que eles implicaram como crise institucional política a afetar o conhecimento linguístico (no qual se incluem formas de acesso à língua portuguesa e ao seu ensino); as idas e vindas políticas no Primeiro Império e a educação e formação linguística no período; o papel do Colégio Pedro II, instituição que delineou e supervisionou políticas de ensino de língua no Brasil; o ensino de língua nas esferas privada e estatal; e os primeiros momentos de um ensino superior brasileiro. No conjunto temático, uma contribuição efetiva para servir de subsídio para futuros trabalhos sobre o ensino de língua portuguesa no Brasil. Além, é claro, de atender os leitores que se interessam pelo assunto e procuram uma obra ao mesmo tempo cuidadosa, em termos descritivos e interpretativos, e acessível, pela experiência da leitura fluente que proporciona.

Os capítulos 4 e 5 (4. “O ideário linguístico da gramática racionalista”, p. 160-224; 5. “Autores e obras representativos do período racionalista”, p. 225-350), duas das grandes partes do livro, tratam de assunto caro a Cavaliere. Como historiógrafo da gramática brasileira, ele se consagrou como um dos importantes especialistas desse período da história da tradição gramatical. Além de apresentar aos leitores a doutrina da gramática racionalista e sua chegada ao Brasil (expondo as influências presentes na produção brasileira), oferece também uma retomada da produção linguística do período. Essa é mais uma das características que permitem considerar a história de Cavaliere uma obra de referência para a história gramatical. Autores como Moraes e Silva (1757-1824), Antônio Coruja (1806-1889), Sotero dos Reis (1800-1871) e Carneiro Ribeiro (1839-1920) – “velhos” conhecidos dos que se debruçam sobre a história da gramática – são apresentados aos leitores.

O breve capítulo 6 – “Vulgarização do livro como fonte de saber”, p. 351-360 – parece, à primeira vista, deslocado da estrutura nuclear do livro. Ele apresenta ao leitor um hiato que prepara o espírito para a compreensão de um período da história da gramática que se vai ver dividido entre a velha e permanente gramática normativa e seu purismo e as renovadas ondas científicas. Nessa complexa conjuntura, reflexões e posicionamentos contraditórios sobre o português do Brasil coloriram, por assim dizer, debates e conflitos no cenário intelectual brasileiro da época.

Os leitores preparados pelo capítulo 6 chegam à apresentação das primeiras manifestações e defesas (ou negações) do português brasileiro no Brasil do século XIX (capítulo 7. “Primeiras linhas sobre o português do Brasil”, p. 361-394). A formulação de um dialeto brasileiro, as acaloradas discussões sobre a colocação pronominal a opor português europeu e português brasileiro, o papel do escritor José de Alencar, a adesão de gramáticas aos chamados brasileirismos e a presença marcante de Batista Caetano formam o núcleo temático do capítulo.

Na sequência, e ainda em diálogo próximo com o capítulo 6, o capítulo 8 retoma brevemente os ares puristas que não deixam de ser, de certo modo, consequência da afirmação (ou não) de um português brasileiro em relação a um português europeu (“A onda purista aponta no horizonte”, p. 395-406).

O capítulo 9 – “Gramáticas da puerícia: produção linguística para a infância”, p. 407-418) – novamente deixa ao leitor a sensação de deslocamento e hiato, a despeito da relevância e do ineditismo da abordagem.

Os capítulos 10, 11 e 12 (10. “Uma nova ordem paradigmática: a gramática científica”, p. 419-478; 11. “Fontes doutrinárias da gramática científica brasileira”, p. 479-508; 12. “Produção filológico-gramatical do fim de século”, p. 509-580) retomam a formulação já vista nos capítulos 4 e 5. Eles formam um conjunto e permitem aos leitores conhecer outra das grandes especialidades de Ricardo Cavaliere (um dos nomes mais fortes para ocupar como filólogo uma cadeira na Academia Brasileira de Letras): a gramática científica brasileira. São temas abordados: os fundamentos doutrinários e “ruptura” do pensamento gramatical; as disputas entre filólogos e linguistas (que caracterizaram boa parte dos estudos sobre a linguagem no Brasil na primeira metade dos anos 1900); as contribuições de Júlio Ribeiro, João Ribeiro, Pacheco da Silva e Maximino Maciel; e as influências inglesa, alemã e francesa na tradição brasileira.

Do século XVI ao século XIX, a história da gramática no Brasil narrada por Cavaliere oferece aos leitores, além do valor informativo que indiscutivelmente apresenta, alguns pontos que merecem destaque: a elaboração de narrativa historiográfica atenta às duas dimensões do conhecimento linguístico (a cognitiva e a social); o direcionamento metodológico a afastar o fio condutor narrativo de um tom impressionístico; a consideração de uma tradição missionária ao lado das hegemônicas europeias; o fôlego descritivo do historiógrafo e a quantidade de informações que já devem fazer parte da história da historiografia linguística brasileira.

Difícil apontar equívocos numa obra de tal envergadura. Inédita como proposta nos estudos sobre o conhecimento linguístico no Brasil, o livro de Cavaliere certamente é marco na gramática e na linguística nacionais. Poderíamos, no entanto, apontar alguns elementos que, ao contrário de se constituírem em im-procedente e gratuita crítica, servem para estimular o debate entre aqueles que se interessam pela história da gramática no Brasil:

1. Seria possível apresentar de modo conjunto e em diálogo o contexto social e a dimensão cognitiva, sem que estes estivessem divididos, muitas vezes, em capítulos separados?
2. Haveria outra maneira de articular às descrições e interpretações expostas em outros capítulos os breves capítulos 6, 8 e 9?
3. Poderia ter sido proposta uma abrangente síntese desse pensamento gramatical em longa temporalidade?

Questionamentos que, como dissemos, servem muito mais de estímulo a novos trabalhos e a novas leituras do que como crítica a um trabalho muito bem-vindo e muito bem realizado.

O fôlego de Cavaliere só nos faz aguardar a coragem (necessária para trabalhos de tão longa extensão e amplitude temática) da elaboração de um segundo volume dedicado à gramática brasileira do século XX.

CAVALIERE, Ricardo.

*História da gramática no Brasil: séculos XVI a XIX.*

Petrópolis: Vozes, 2022. 653 p.